

Palavreando: uma proposta de aplicativo educacional móvel de aprendizagem de palavras em Português-Libras para surdos

Palavreando: a proposal of a mobile educational app for learning words in Portuguese-Libras for deaf people

Jéssica Vasconcelos, DORTA (UNICAMP/CNPq)¹

RESUMO

Recorte de minha dissertação de mestrado, o presente trabalho, situado no campo da Linguística Aplicada, apoia-se nas teorias do círculo bakhtiniano (BAKHTIN/ VOLÓCHINOV, 2017) para apresentar as principais características do *Palavreando: uma proposta de aplicativo educacional móvel para surdos*, cujo objetivo central é auxiliar a aprendizagem de palavras em Português-Libras. Para o desenvolvimento da proposta, parti da ideia de que a aprendizagem de palavras realiza-se como um processo discursivo, plurilíngue e multimodal de construção de sentidos. Atualmente, o app é objeto de estudo de uma pesquisa doutoral em andamento e encontra-se em fase de pilotagem. Espera-se que o *Palavreando* venha a constituir-se como um recurso que possibilite aos surdos resistirem aos sentidos estabilizados, resignificá-los e construí-los segundo seus repertórios e experiências de vida. Para tanto, o aplicativo deve ser compreendido como um objeto que ganha vida no uso pela comunidade e que, portanto, está em constante processo de (re)construção.

Palavras-Chave: Ensino/aprendizagem de Português-Libras, Educação linguística de surdos, Aplicativos educacionais móveis

ABSTRACT

Part of my masters dissertation, the present work, situated in the field of Applied Linguistics, is based on theories of the Bakhtinian circle (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) in order to present the main characteristics of Palavreando: a proposal of a mobile educational app for deaf people, whose central objective is to help learn words in Portuguese-Libras. For the development of the app, it was based on the idea that word learning takes place as a discursive, plurilingual and multimodal process of meaning making. It is hoped that the Palavreando will constitute itself as a resource that enables the deaf students to resist the stabilized senses, to reframe them and to build them according to their repertoires and life experiences. To do so, the app must be understood as an object that comes to life in the use by the community and, therefore, is in constant process of (re)construction.

Keywords: Teaching/learning Portuguese-Libras, Educational linguistics of deaf people, Mobile educational apps

¹ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. Instituto de Estudos da Linguagem; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3906-8822>; jessica_vasc@yahoo.com.br

1. Introdução

É preciso transver o mundo.

(Manoel de Barros, 1996)

O final do século XX e o início do século XXI têm sido marcados por constantes mudanças – bem como por continuidades – que nos remetem à possibilidade de emergência de uma nova era, a qual seria amplamente afetada pelas forças globalizantes. De um lado, enfatiza-se positivamente as características tecnológicas e econômicas desse novo sistema social, reforçando o progresso da ciência e das técnicas. De outro lado, e com muito menos frequência, se reconhece as dimensões ideológicas e culturais dessa lógica, afetando a maneira como percebemos o mundo.

A desorientação que afeta nossa percepção sobre a organização social, na perspectiva de Giddens (1991), está vinculada à sensação de que vivenciamos eventos os quais não somos capazes de compreender plenamente e que estão fora do nosso controle. Segundo o autor, a profusão de termos adotados para identificarmos os processos pelos quais passam a sociedade ("pós-modernidade", "pós-modernismo", "sociedade pós-industrial") não são suficientes para analisá-los. Dessa forma, precisamos refletir sobre a própria natureza da modernidade, a qual não tem sido suficientemente explicada pelas ciências sociais, uma vez que estas ainda não romperam as limitações das perspectivas sociológicas clássicas que vislumbravam a emergência de um sistema social mais humano e harmonioso dentro de uma lógica industrial. Assim, ao invés de estarmos encerrando o período da modernidade, estamos, na verdade, acentuando e radicalizando as consequências dessa ordem social.

Santos (2000, p. 9) afirma que esse novo sistema social se beneficia do alargamento de todos os contextos para consagrar um discurso único, cujo alicerce está na produção de imagens e do imaginário que se coloca a serviço do império do dinheiro, fundamentado na economização e na monetarização da vida social e pessoal. Nesse sentido, a condição da pós-modernidade seria a dissolução das chamadas grandes narrativas, ou seja, do enredo dominante por meio do qual vivenciamos a história e que reforça mensagens ideológicas hegemônicas. Assim, para escaparmos de percepções enganosas, podemos, segundo o autor, considerar a existência de pelo menos três mundos: 1. o mundo como nos fazem crer: a globalização como fábula; 2. o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e 3. o mundo como ele pode ser: uma outra globalização.

A globalização como fábula está vinculada à ideia de que o mundo no qual nos fazem crer está sustentado por fantasias que garantem a continuidade de um sistema excludente e desigual. Nesse espaço, fala-se em aldeias globais para que as pessoas acreditem estarem sendo informadas pela difusão instantânea de notícias, quando, na verdade, estamos vivenciando a chamada era da Pós-verdade,

fundamentada, especialmente, pelo compartilhamento massivo de notícias falsas que, processualmente, moldam a opinião pública, fazendo com que fatos objetivos importem menos que crenças pessoais. Na educação, por exemplo, fala-se em uma geração de nativos digitais, enquanto há ainda cerca de 4,5 bilhões de pessoas no mundo que não dispõem nem de saneamento com gestão segura, segundo dados do relatório do Programa de Monitoramento Conjunto². Esses são alguns dos exemplos que nos levam a questionar os benefícios dos processos de globalização, a partir de uma lógica que Santos (2000, p. 10) nomeia como idealização maciça sustentada pelo exercício constante de fabulações.

Esse cenário também reflete a perversidade da globalização que evidencia e acentua as profundas desigualdades sociais, o que caracterizaria o segundo mundo delineado por Santos (2000). Dentro dessa lógica, os processos de globalização se consolidam a partir de comportamentos e discursos individualistas e autoritários que marcam as relações humanas de forma assimétrica e silenciam algumas práticas em detrimento de outras. No entanto, essas relações podem ser desestabilizadas se forem pensadas dentro de uma nova ética, ou seja, a partir de uma outra globalização. Para o autor, no plano empírico, reconhecemos movimentos que indicam a emergência de uma nova narrativa, por exemplo, a partir do reconhecimento do multiculturalismo, dos movimentos sociais, do feminismo, da cultura popular. No plano teórico, “o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um novo grande relato” (SANTOS, 2000, p. 11). Assim, abre-se a possibilidade de (re)significarmos a globalização, através de narrativas delineadas a partir de novos modos de se produzir sentidos e conhecimento no mundo.

Nesse contexto, parece coerente afirmar a importância de se pensar o papel central que a educação linguística pode assumir para subverter os discursos autoritários e individualistas presentes na ordem social vigente, principalmente aqueles relacionados a grupos minoritários e/ou minoritarizados, como os surdos. A história educacional dessa comunidade é marcada por tensões e conflitos que, embora estejam sendo mais intensamente revisitados nas últimas décadas devido à implementação de leis³, ainda enfatizam o fator linguístico em detrimento de práticas educacionais mais plurais e descentralizadoras.

Como pode-se observar em alguns estudos a respeito da educação de surdos, como os de Skliar (1997), Rée (1999) e Moura (2000), o foco dos debates sempre esteve relacionado a questões ligadas exclusivamente à(s) língua(s). Por um lado, havia aqueles que acreditavam que os surdos deveriam desenvolver a língua oral e, conseqüentemente, defendiam uma educação pensada a partir do modo de se ensinar a língua oral aos ouvintes. Por outro, havia aqueles que acreditavam que deveria ser permitido a

² Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2017/launch-version-report-jmp-water-sanitation-hygiene.pdf?ua=1>. Acesso em: 11 mar. 2019.

³ Lei no. 10.436 de 24 de abril de 2002 e Decreto no. 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

essa comunidade o uso da língua de sinais. Essas discussões, ao longo da trajetória educacional dos surdos, refletiram nas esferas educacionais, fazendo com que as ações de intervenção nas práticas pedagógicas fossem submetidas apenas ao fator linguístico.

Dessa forma, parece necessário afirmar a demanda social por uma educação linguística que incorpore propostas educativas, considerando a natureza complexa e discursiva das práticas de linguagem. A partir dessa perspectiva, tenciono, neste trabalho, apresentar o *Palavreando*, uma proposta de aplicativo educacional móvel voltada à comunidade surda, cujo objetivo central é auxiliar a aprendizagem de palavras em Português-Libras entendida como um processo discursivo (BAKHTIN, 2015; BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017) e multimodalizado de construção de significados. Desenvolvido durante minha pesquisa de mestrado, o app se constitui como uma proposta de enfrentamento das práticas de bases monolíngues, monomodais e grafocêntricas que ainda prevalecem no campo da educação linguística e contribuem para a manutenção das chamadas grandes narrativas do mundo globalizado. Atualmente, o app é objeto de estudo de uma pesquisa doutoral em andamento e encontra-se em fase de pilotagem

2. Percursos teórico-metodológicos

O cenário sociolinguístico de minorias e, nesse caso, especificamente, da comunidade surda, é complexo e diverso. Por isso, como aponta Cavalcanti (2006), as escolhas metodológicas e teóricas deste trabalho esbarraram em questões de ordem ética e política. Nesse sentido, cabe registrar aqui a constante preocupação em abandonar conceitos e procedimentos cristalizados que, como reforça Cavalcanti (2006), pudessem ser prejudiciais à imagem dessa comunidade que luta para se tornar visível e ter seus direitos social e legalmente reconhecidos. Dessa forma, este trabalho, de natureza qualitativa e propositiva (ANDRÉ, 2003), está inserido na área da Linguística Aplicada Crítica.

Para dar conta da complexidade sociolinguística de minorias e de outras questões envolvendo a linguagem, torna-se relevante destacar o campo da Linguística Aplicada Crítica como um campo que se sustenta em um referencial teórico *antidisciplinar* (PENNYCOOK, 2006) e crítico (ROCHA, 2018). Isso significa que o linguista aplicado, para tentar entender a questão de pesquisa com a qual se defronta, pode se voltar à prática social, ao uso da linguagem, e se envolver com conhecimentos teóricos que atravessam outras áreas de conhecimento (MOITA LOPES, 2006).

Do ponto de vista teórico-metodológico, as pesquisas realizadas dentro dessa área precisam constantemente buscar aquilo que não está visível, reinventando-se para romper com visões homogeneizadoras e generalizantes. Corroborando essa perspectiva, Pennycook (2018) propõe caminhos alternativos para pensarmos os dilemas humanos, bem como suas implicações para a pesquisa, para a educação e para a política, através do que ele chama de Linguística Aplicada Pós-Humana. Por esse viés,

as relações sociais devem ser traçadas a partir de uma outra lógica, outra ética, na qual assumimos responsabilidade social pelo que fazemos no planeta não apenas em relação ao outro, mas repensando nossas relações com tudo aquilo que consideramos não-humano: os objetos, os animais, a natureza, o meio ambiente. Essa nova ética importa para a Linguística Aplicada porque sugere caminhos alternativos para se pensar a linguagem, o sujeito, o contexto, os locais, os pensamentos e as interrelações.

Na tentativa, portanto, de contribuir para redimensionar, no campo da LA, o estudo da educação de surdos, assumo que o contexto educacional dessa comunidade, atrelado à presença das novas tecnologias, pode ser estudado como um **objeto complexo** (SIGNORINI, 1998). A complexidade, nesse caso, como aponta Bunzen (2005), não deve ser entendida como “dificuldade”. Trata-se, na verdade, de uma escolha de cunho epistemológico e metodológico em relação à construção do objeto de investigação que é, notoriamente, um objeto *multifacetado*. Isso implica dizer que as escolhas metodológicas foram processuais e constituídas “por ações orientadas mais por um plano que por um programa fixo pré-montado, por ações orientadas e gradativamente reorientadas em função dos meios, interesses e obstáculos em jogo” (SIGNORINI, 1998, p. 103).

Parte da pesquisa aqui apresentada foi desenvolvida por mim enquanto aluna de um programa de Aprimoramento Profissional na área de surdez oferecido em um centro de estudos ligado a uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo. Nesse curso, atuei como professora de Português escrito em um programa bilíngue de apoio escolar a crianças e jovens surdos⁴, contexto no qual os participantes desta pesquisa estão inseridos. Trata-se de um grupo de onze alunos surdos⁵, entre 14 e 18 anos, matriculados no Ensino Médio em escolas regulares da rede pública de ensino.

Desse modo, por se tratar de uma pesquisa aplicada realizada em contexto de minoria linguística, foram utilizados diversos instrumentos metodológicos, com vistas a dar subsídios para a criação da proposta de aplicativo móvel *Palavreando*. Conforme destacam Lankshear e Knobel (2008), pesquisas dessa natureza demandam o uso de diferentes instrumentos para que haja maior possibilidade de *triangulação*, ou seja, a possibilidade de uma visão mais complexa e profunda do fenômeno estudado, garantindo a credibilidade e a autenticidade da pesquisa (LINCOLN e GUBA, 2000).

Considerando o contexto de pesquisa, já devidamente especificado, o processo de produção de dados foi realizado ao longo de 6 meses de trabalho (agosto a dezembro de 2015). A partir dos objetivos

⁴ Trata-se, como o nome já diz, de um programa bilíngue de apoio escolar, desenvolvido por uma universidade pública, que recebe alunos surdos matriculados em escolas regulares numa cidade do interior do estado de São Paulo. Esse programa tem professores ouvintes proficientes em Libras e professores surdos e seu objetivo é possibilitar e auxiliar a aprendizagem do Português escrito, por meio de atividades que fazem circular tanto a Língua Portuguesa quanto a Libras. Minha atuação como professora no programa se deu a partir de um curso de aprimoramento profissional em Educação de Surdos oferecido pela mesma instituição

⁵ Por trabalhar com seres humanos, esta pesquisa foi aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Unicamp. Número do CAAE: 46000015.6.0000.5404.

estabelecidos para este estudo, foram utilizados diferentes instrumentos, os quais encontram-se elencados, de forma resumida, no quadro abaixo:

Quadro 1. Instrumentos de produção de dados e objetivos alcançados

Questionário de perfis e necessidades	Perfil e percepção dos alunos surdos sobre suas necessidades em relação a aprendizagem de Português escrito e uso de tecnologias digitais móveis.
Grupo Focal 1	Percepção dos alunos surdos em relação a presença das tecnologias digitais móveis na aprendizagem de Português escrito.
Aulas	Percepção das necessidades dos alunos em relação ao Português escrito, bem como do modo como eles se relacionam com as tecnologias digitais móveis.
Grupo focal 2	Participação e colaboração dos alunos no desenvolvimento e validação das características do protótipo de app móvel.
Diário de campo e gravações em vídeo	Percepções pessoais e registros do desenvolvimento das atividades em sala de aula.
Reuniões técnicas	Definição dos aspectos técnicos envolvendo a interface e o funcionamento do protótipo.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

É importante explicar que os dados produzidos e analisados servem para justificar e sustentar as especificidades constitutivas do *Palavreando*. Assim sendo, para buscar compreender, de forma mais significativa e organizada, quais seriam os principais elementos advindos da análise que poderiam sustentar minha proposta, inicialmente desenvolvi uma leitura cuidadosa de todos os dados. A partir dessa leitura, observei quais temas e aspectos eram mais recorrentes, tanto na literatura, quanto na percepção dos participantes e em minhas observações e registros e fui, assim, promovendo um agrupamento, ou seja, estabelecendo um grupo de categorias que ofereceriam subsídios para o desenho do protótipo.

Os pontos considerados importantes e que orientaram de modo mais significativo as particularidades da proposta foram assim se delineando:

- Com relação aos dados gerados a partir da aplicação dos questionários e grupos focais, se sobressaiu a importância do uso de imagens (estáticas e em movimento) para a composição de sentidos. Assim, a categoria proeminente recai na *diversidade de linguagens*;
- Os resultados da pesquisa bibliográfica, por sua vez, ao serem cruzados com os outros gerados neste trabalho, evidenciaram algumas categorias teórico analíticas relevantes para orientar a condução da análise e, portanto, a composição da proposta do aplicativo. As noções de *palavra/enunciado*, *contexto* e *colaboração* foram os conceitos mais significativos;
- Os dados gerados a partir da observação das aulas que foram, posteriormente, registradas nos diários de campo, confirmaram a importância dos elementos elencados.

Dessa forma, pretendendo corroborar uma educação linguística orientada para a construção de sentidos múltiplos em meio a vivências plurais e éticas, faz-se necessário jogar luz sobre as tensões dialógicas e axiologicamente marcadas que envolvem a língua(gem) e que marcam a concepção do *Palavreando* como uma proposta que, ao voltar-se para aprendizagem de palavras, não pretende estabilizar sentidos, mas possibilitar uma ecologia para a construção de conhecimentos abrangendo recursos semióticos e multissemióticos. Para isso, parte-se da visão sócio-histórica e dialógica bakhtiniana da linguagem.

3. A língua(gem) para Bakhtin e seu círculo

As teorizações bakhtinianas sobre o funcionamento da palavra como quadro teórico embasam a concepção do *Palavreando*. Sobre isso, há que se fazer duas considerações: a primeira é que, segundo Stella (2005, p. 175), Bakhtin e seu círculo inauguram, nas primeiras décadas do século XX, uma visão de palavra e de linguagem em geral, que as concebe a partir de um ponto de vista histórico, social e cultural, isto é, necessariamente contextualizado. Nesse sentido, trabalhar com o conceito de *palavra* sob a ótica de Bakhtin e seu círculo é esbarrar em questões mais amplas inerentes à língua, é considerar a palavra em sua acepção mais ampla, ou seja, como discurso e enunciação. Dessa forma, ainda que o app em questão tenha como foco a aprendizagem de palavras, ele não se limita à uma visão de *palavra* como vocábulo de dicionário: estático.

Em segundo lugar, cabe ressaltar que no aprofundamento da concepção de palavra, bem como em outras noções tratadas em Bakhtin, esbarramos na não linearidade dos textos e discussões, o que aponta para a complexidade em se compreender esse conceito e para a necessidade de uma atitude responsiva do leitor diante do desafio de se compor significados para ele. Ainda cabe salientar que existem diferentes possibilidades de tradução do vocábulo *palavra* no russo, língua original dos textos do Círculo de Bakhtin. Sobre isso, Stella (2005, p. 183) afirma que justamente pelos textos não terem sido traduzidos em ordem cronológica, alguns termos variam de um livro para o outro de acordo com as escolhas do tradutor e do público para o qual ele se destina. Para exemplificar essa variação, o autor nos revela o duplo significado de *palavra* em russo. Segundo o autor, o vocábulo pode tanto corresponder à *palavra* em Português, como pode designar outro termo que é *discurso*.

Diante do exposto, passamos agora a percorrer as discussões iniciais sobre língua e linguagem na perspectiva bakhtiniana. Partindo do pressuposto de que a linguagem é essencialmente ideológica, Bakhtin e Volóchinov (2017 [1929], p. 174) explicam que devemos nos afastar de um ponto de vista unicamente objetivo que tende a olhar a língua de forma independente e isolada, ou seja, como sistema de normas indiscutíveis e fixadas.

Assim, ressalta-se que a consciência subjetiva do falante não se constitui a partir de um sistema de formas normativas e idênticas, mas na significação nova e concreta que as estruturas linguísticas assumem em um determinado contexto concreto. Para os autores não importa o aspecto dessas formas, que permanece o mesmo em todos os casos do seu uso. “O que importa para o falante é aquele aspecto da forma linguística graças ao qual ela pode aparecer em um contexto concreto” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 177). Tendo isso em vista, o *Palavreando* buscou possibilitar espaços que permitam a situação concreta de enunciação para que a palavra possa ganhar vida e ser compreendida dentro do processo de significação.

Em essência, a língua como concretude socioideológica viva, como opinião heterodiscursiva situa-se, para a consciência individual, na fronteira do que é seu e do outro. A palavra de uma língua é uma palavra semialheia; só se torna palavra quando o falante a satura de sua intenção, de seu acento, assume o domínio da palavra, fã-la comungar em sua aspiração semântica e expressiva. Até este momento de apropriação, a palavra não está numa língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que o falante tira a palavra!), mas em lábios alheios, em contextos alheios, a serviço de intenções alheias: é daí que deve ser tomada e tornada sua (BAKHTIN, 2017 [1934-1935], p. 69).

Portanto, se a forma linguística só tem relevância como um signo mutável e flexível, faz-se necessário que seu processo de compreensão não seja confundido com o processo de reconhecimento. Por se tratarem de processos significativamente distintos, Bakhtin e Volochinov (2017 [1929]) chamam a atenção para a diferença existente entre os processos de compreensão e reconhecimento: enquanto o sinal é reconhecido, o signo é compreendido.

Imutável e inflexível, o sinal se desvincula do domínio da ideologia, isso significa que ele não substitui, reflete ou refrata algo. Para os autores, uma forma linguística não será compreendida enquanto sinal, mas quando se constituir como signo ideológico, orientado pelo contexto. Compreendemos, portanto, que no processo de aprendizagem de uma língua é importante que as formas linguísticas sejam assimiladas não como imutáveis e idênticas no sistema abstrato da língua, mas na estrutura de um enunciado concreto, como um signo flexível e mutável. Desse modo, a *palavra* nunca poderá ser empregada como um termo dicionarizado, mas nas mais diferentes situações de enunciação.

Para Bakhtin e Volochinov (2017 [1929], p. 181), a palavra estará “sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana”, uma vez que “nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante”. É, portanto, na enunciação que as palavras se orientam para um interlocutor. Bakhtin e Volochinov (2017 [1929], p. 184) elucidam que qualquer enunciado monológico é um elemento indissociável da comunicação discursiva e, por isso, “responde a algo e orienta-se para uma resposta”. Nesse sentido, toda palavra, isto é, todo enunciado reverbera as que a procederam, “polemiza com elas, espera por uma compreensão ativa e

responsiva, antecipando-a, etc”.

A realidade efetiva da linguagem não é o sistema abstrato de formas linguísticas nem o enunciado monológico isolado, tampouco o ato psicofisiológico de sua realização, mas o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados. Desse modo, a interação discursiva é a realidade fundamental da língua (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017 [1929], pp. 218 - 219).

Nesse contexto, evidencia-se o trato da palavra como parte do processo de interação entre o falante e o interlocutor, relacionada à vida e à realidade, imbuindo-a das entoações, dos valores conferidos e/ou agregados ao dito pelos interlocutores. Assim sendo, a palavra é vista como um *ato bilateral*, determinada tanto por aquele que fala quanto por aquele que a escuta. “Ela é uma ponte que liga o eu ao outro [...] É o território comum entre o falante e o interlocutor” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 205).

De maneira resumida, a palavra apresenta quatro propriedades que a definem: pureza semiótica, possibilidade de interiorização, participação em todo ato consciente e neutralidade. Segundo Stella (2008), a *pureza semiótica* faz referência à capacidade de funcionamento e circulação da palavra como signo ideológico em toda e qualquer esfera. Quanto à *interiorização*, a palavra, como vimos, é o único meio de contato entre o conteúdo interior do sujeito, ou seja, sua consciência constituída por palavras e o mundo exterior construído através das palavras. A visão de mundo de cada sujeito se constrói a partir do confronto entre as palavras da consciência e as palavras que circulam nas esferas sociais, ou seja, entre o interno e o externamente ideológico (STELLA, 2008, p. 179). O processo de interiorização de uma palavra ocorre, portanto, como uma palavra nova que surge da interpretação desse confronto.

No que se refere à *participação em todo ato consciente*, a palavra ganha vida tanto nos processos internos da consciência, por meio da interiorização, quanto nos processos externos de circulação da palavra nas esferas ideológicas, ou seja, nós, enquanto sujeitos históricos e dialógicos participamos da construção e negociação de sentidos das palavras.

A *neutralidade* da palavra, por sua vez, está relacionada aos contextos concretos de enunciação. Dependendo de como ela aparece em um enunciado concreto, ela irá assumir uma determinada função ideológica. Nessa propriedade, a palavra pode ser compreendida como um “signo neutro”, não porque ela não possui uma “carga ideológica”, mas porque como signo, recebe significados a cada momento de seu uso.

Assim sendo, no que diz respeito ao processo de aprendizagem de línguas, ao ressaltarem o caráter ideológico do signo, bem como a importância do contexto ideológico para a compreensão das formas linguísticas, Bakhtin/Volóchinov (2017 [1929]) contribuem para se pensar a importância de desenvolvermos através da educação uma postura consciente e crítica frente à linguagem e à sociedade (ROCHA, 2006, p. 115). Dessa forma, há um desafio para a construção de apps nessa vertente. É

importante, portanto, levar em conta o contexto e as situações concretas de enunciação, de modo não artificial ou demasiadamente didatizado, como entendidos em abordagens tradicionais. Assim, o *Palavreando* pode ser caracterizado como um espaço para que essa situação concreta se realize, ou seja, para que as definições das palavras sejam construídas a partir de um contexto concreto de uso e para que possamos analisar e compreender quem são os interlocutores, ou seja, quem está falando, com quem, em que situação etc.

Passamos agora à apresentação das principais características do *Palavreando* que, relacionadas a essa visão de língua(gem), contribuíram para o delineamento de uma proposta alinhada às perspectivas pós-humanistas aqui traçadas.

4. *Palavreando*: apresentação teorizada

Figura 1. Logo Palavreando



Fonte: Produzido por Diogo Melani

*Palavreando*⁶ é uma proposta de aplicativo educacional móvel, destinado à comunidade surda brasileira, composta, em uma acepção mais ampla, por surdos e ouvintes que compartilham experiências visuais e trocas simbólicas, sobretudo, em língua de sinais.

Considerando as especificidades linguísticas que envolvem os surdos brasileiros e a importância que a modalidade escrita da Língua Portuguesa assume diante da vida social, a principal finalidade do aplicativo é a aprendizagem de palavras em Português-Libras, vista como um processo multimodalizado

⁶ O título do app foi estabelecido colaborativamente nas discussões de orientação e discussão do trabalho e validado pelos alunos surdos, bem como o logo do app produzido pelo analista de Marketing Diogo Melani.

e discursivo de construção de sentidos. Diante disso, é possível compreender o *Palavreando* como um dicionário aberto, dinâmico, situado e multimodal, cujo conteúdo, ou seja, os sentidos das palavras, são construídos colaborativamente e validados pelos próprios usuários.

Antes de apresentar os aspectos técnicos da proposta de app, faz-se necessário delinear de forma sucinta o contexto no qual grande parte dos surdos está inserida atualmente, incluindo os participantes dessa pesquisa: as escolas regulares, nas quais não há na matriz curricular letramento em língua de sinais. A língua de instrução, como sabemos, é o português, o que se constitui como uma barreira para o acesso ao conhecimento e aos processos de produção de sentido pela comunidade surda, o que interfere também na constituição da visão de mundo por esses alunos, uma vez que é através da língua que isso acontece.

A língua tem sua origem em uma exigência interior do homem e não somente em uma necessidade exterior de sustentar as relações humanas; essa exigência está situada na própria natureza humana e consiste na condição necessária ao desenvolvimento da força do espírito e à aquisição da visão de mundo, que é atingida somente quando o pensamento de um indivíduo se torna claro e determinado para o pensamento de todos e de cada um” (HUMBOLDT, 2013 [1859], pp. 10-11 apud BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 20).

Nas teorizações bakhtinianas, a consciência linguística do falante e daquele que escuta e compreende não se forma através de um sistema abstrato de formas linguísticas normativas e idênticas, mas através da língua como “opinião concreta e heterodiscursiva sobre o mundo” (BAKHTIN, 2017 [1934-1935], p. 69). Nessa perspectiva, a “palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa” (BAKHTIN, 2017 [1934-1935], p. 69).

Dessa forma, mostrou-se necessário pensar em uma proposta de app cujo objetivo seria a aprendizagem de palavras, a partir de um processo multimodal e colaborativo que possibilitasse aos alunos enunciar essas palavras em contextos concretos e negociar os sentidos construídos para elas. Dessa forma, dois aspectos se sobressaíram diante do que foi exposto até aqui: a multimodalidade, ou seja, a necessidade de que o app envolvesse diferentes linguagens, uma vez que elas se inter-relacionam e se complementam no processo de construção de sentidos e a natureza discursiva da linguagem, uma vez que a palavra é sempre perpassada pela palavra do outro e se dá em um contexto de enunciação preciso, ou seja, em um contexto ideológico preciso (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 181).

Passamos, então, à apresentação e à análise dos aspectos que configuram o *Palavreando*. Como mencionado, essa proposta tem como objetivo a aprendizagem de palavras em Português-Libras. Para tanto, os usuários, de maneira colaborativa, constroem os significados das palavras, inserindo no app suas próprias definições, a partir de quatro macros categorias: a) **sinal**, b) **imagem**, c) **vídeo** e d) **definição escrita**, descritas mais detalhadamente a seguir.

Figura 2. Prototipagem da tela de resultado da busca pela palavra "político"



Na aba **SINAL**, ao pressionar o ícone, é possível que o usuário grave o seu próprio vídeo ou gif através da câmera de seu *smartphone* ou carregue um arquivo de sua galeria contendo o sinal da palavra.



Na aba **IMAGEM**, ao pressionar o ícone, é possível que o usuário tire uma foto usando a câmera do *smartphone* ou carregue uma imagem de sua galeria que pode representar ou exemplificar a palavra.



Na aba **VÍDEO**, ao pressionar o ícone, é possível que o usuário grave um vídeo através da câmera de seu *smartphone* ou carregue um arquivo de sua galeria com explicações em Libras ou outras produções sobre a palavra.



Na aba **DEFINIÇÃO**, ao pressionar o ícone é possível que o usuário escreva sua própria definição da palavra ou exemplos de uso em frases.

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Para exemplificar como as diferentes línguas e linguagens se configuram dentro do *Palavreando* e para justificar a presença de cada uma delas, tomarei como exemplo a palavra “político”. Os sentidos construídos para essa palavra são fruto de uma pilotagem realizada em conjunto com os participantes da pesquisa. O intuito era compreender como eles desenhariam significados para a palavra “político” dentro do *Palavreando* e quais sentidos seriam produzidos a partir das diferentes linguagens.

a) Sinal

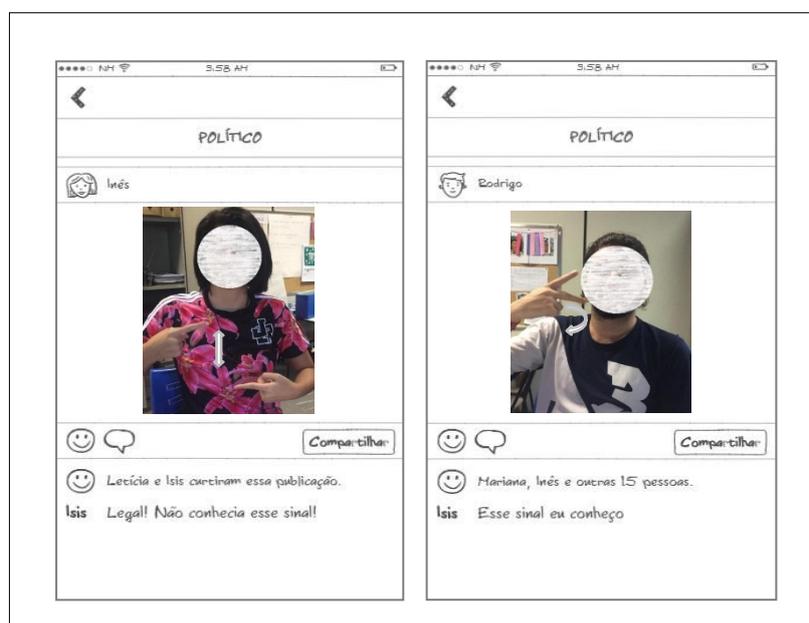
Assim como as línguas orais, as línguas de sinais apresentam uma gramática própria, nas quais se

pode identificar unidades mínimas de formação de sinais, tais como os fonemas nas línguas orais. São elas: configuração de mão, movimento, ponto de articulação, orientação de mão e expressões não manuais (corporais e faciais). A descrição linguística das línguas de sinais a partir desses elementos contribui significativamente para a confirmação do seu *status* de língua, uma vez que ainda há um imaginário, inclusive dentro da própria comunidade surda, de que elas seriam inferiores às linguas orais por não apresentarem alguns aspectos gramaticais, como conjugação verbal, preposição, artigo etc.

Além disso, outro fator que contribui para a compreensão das línguas de sinais como língua é o fato de serem marcadas por variações linguísticas. Dessa forma, há na Libras, assim como nas línguas orais, uma série de sinais diferentes para representar uma mesma palavra, seja por influência regional, histórica, social. Por isso, mostrou-se importante criar um espaço dentro do protótipo para que essas variações fossem registradas e disseminadas.

Em relação ao sinal de “político” em Libras, apareceram dois sinais distintos, gravados em vídeo:

Figura 2. Prototipagem das telas na aba “Sinal”: palavra “político”



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Além do aspecto da variação linguística, outro fator que justifica a existência da aba destinada aos sinais é que muitas palavras em Português, principalmente os termos técnicos, ainda não possuem correspondentes na Libras, por isso sinais estão sendo constantemente criados e validados pela

comunidade surda. Sendo assim, esse espaço também se constitui como uma possibilidade de fazer circular os sinais que estão emergindo nas esferas sociais.

b) Imagem

Embora a expressão “O surdo é visual” tenha se estabelecido como um truísmo no contexto educacional dos surdos, as escolas tradicionais, como já vimos neste trabalho, partindo de um ensino formal, monolíngue, monocultural e orientado para uma só linguagem (GRUPO DE NOVA LONDRES, 1996), congelam as formas de representação e construção de sentidos (GEE; HAYES, 2011). Isso se confirmou quando, em aula, os alunos relataram que em suas escolas, os recursos tecnológicos que poderiam possibilitar o trabalho com imagens quase nunca eram utilizados.

Excerto extraído do Diário de Campo da pesquisadora – 15 out. 2015

Quando perguntei aos alunos sobre a presença de imagens durante as aulas, eles responderam que o uso de smartphones e tablets era proibido dentro da sala de aula, por isso as únicas imagens com as quais eles tinham contato eram as presentes nos livros didáticos. Além disso, relataram que os professores vão pouquíssimas vezes à sala de recurso e quando isso acontece, normalmente, é apenas para exibir filmes. A aluna L. relatou que a professora de Biologia costumava exibir vídeos na sala de aula, mas esses vídeos não eram legendados, por isso ela tinha muita dificuldade em compreendê-los.

Uma vez que grande parte dos surdos se comunica em uma língua que é predominantemente visual, sua maneira de apreensão do mundo também o é. Dessa forma, as imagens, bastante acessíveis a esse grupo, são parte essencial do processo de construção de sentidos. É nesse contexto, portanto, que a multimodalidade se configura como um dos conceitos fundamentais da pedagogia dos multiletramentos (GRUPO DE NOVA LONDRES, 1996), uma vez que ela tem se tornado característica intrínseca dos textos e *Designs* contemporâneos.

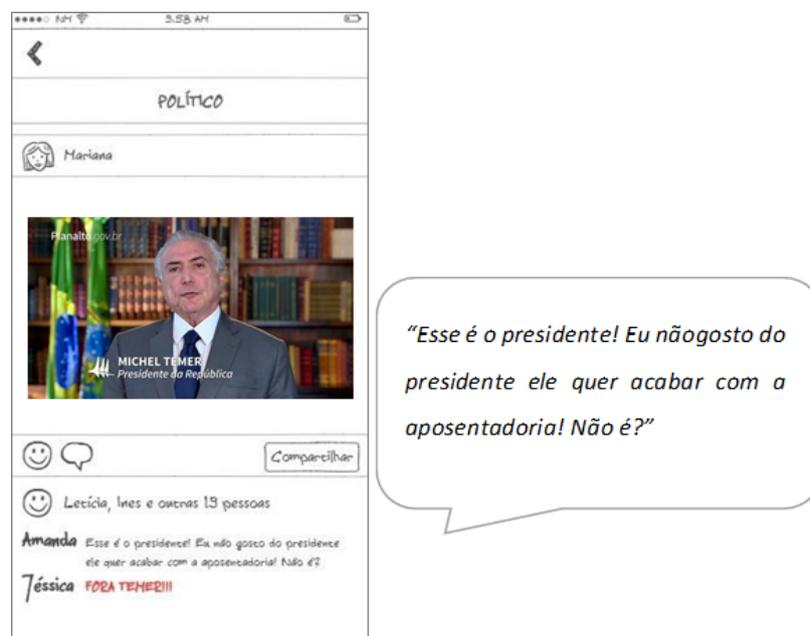
Os alunos surdos, participantes da pesquisa, quando iam realizar alguma tarefa ou mesmo durante as explicações durante as aulas recorriam, em primeira estância, ao *Google Imagens*. As imagens resultantes das pesquisas nem sempre eram suficientes para a apreensão dos significados, mas mesmo nessas ocasiões, quando associadas a outras linguagens, se constituam como parte importante da construção dos sentidos. Assim, embora as imagens isoladas possam, muitas vezes, não ser suficientes para a compreensão dos sentidos, quando relacionadas a outras linguagens, se complementam e passam a compor possíveis significados. Por isso, é importante destacar que as diferentes modalidades presentes no app não podem ser vistas como autônomas, elas se inter-relacionam dentro do app e fora dele.

Dessa forma, para construir o significado da palavra “político”, a aluna G. selecionou a imagem

de Michel Temer⁷, presidente do Brasil no momento da pesquisa, para mostrar aos demais colegas.

”

Figura 3. Prototipagem da tela na aba "Imagem": palavra “político



Fonte: Produzido pela pesquisadora

Excerto extraído do Diário de Campo da pesquisadora – 18 maio. 2015

No momento em que G. mostrou a imagem de Temer para os demais, a aluna L., (como ilustrado na figura acima), comentou que ela não gostava do atual presidente, pois ele queria acabar com a aposentadoria.

Essa interação entre usuários e a discussão desencadeada pela imagem e pelo comentário escrito é fundamental para que os sentidos sejam construídos colaborativamente, de forma situada, a partir do horizonte social em que cada sujeito encontra-se inserido (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Segundo Bakhtin/Volochinov (2017, [1929]), o enunciado se forma entre indivíduos socialmente organizados. Nesse sentido, partindo do pressuposto de que a palavra é sempre orientada para o interlocutor, devemos sempre considerar quem é esse interlocutor, que posição hierárquica ele assume em relação a quem enuncia, quem enuncia. Por isso, para discutir o(s) sentido(s) de político, devemos

⁷ Considerando a conjuntura política vivenciada no país durante o desenvolvimento da pesquisa, senti a necessidade de registrar o meu posicionamento político, a fim de salientar que, almejando uma sociedade igualitária e, portanto, democrática, não poderia corroborar as propostas do governo em questão.

considerar essa situação concreta de enunciação, que prevê um interlocutor de forma não isolada.

Segundo Peters (2014), uma das principais maneiras pela qual o *design* de interface pode apoiar a aprendizagem é facilitando a interação e a participação. Embora a participação em si não garanta o aprendizado, os pesquisadores mostraram que ela tende a aumentar a produtividade do grupo, melhorando os resultados da aprendizagem (PETERS, 2014, p. 120). Por isso, corroborando a ideia de que a aprendizagem é um processo inseparável do contexto social e que a palavra, como discurso concreto (enunciado), “encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios” (BAKHTIN, 2017 [1934- 1935], p. 48), mostrou-se importante que o protótipo de app permitisse aos usuários interagirem uns com os outros, através de comentários, curtidas e em bate-papos privados ou coletivos. Dessa forma, a interação possibilitada por esses recursos permite que os valores sociais expostos em cada uma das definições sejam confrontados e os significados negociados.

c) Vídeo

Como mencionado anteriormente, alguns conceitos, palavras/ enunciados em Português-Libras não são compreendidos pelos surdos, muitas vezes, porque esses sentidos não são produzidos, inclusive, na própria língua de sinais. A matriz curricular das escolas regulares não prevê o ensino de Libras, o que implica na falta de letramento do surdo não apenas em Língua Portuguesa, mas em língua de sinais.

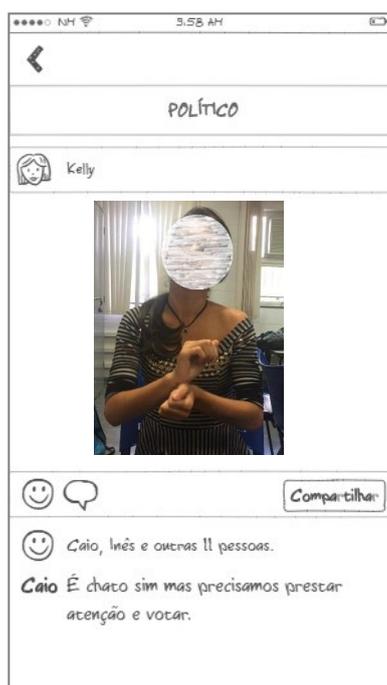
Embora a convergência das mídias, principalmente nas redes sociais, possibilite que informações em Libras circulem e sejam mais amplamente acessadas, os surdos participantes da pesquisa, naquele momento, estavam pouco habituados a se engajar em práticas que envolvessem o uso da língua de sinais. Só mais recentemente isso tem acontecido de forma mais significativa através dos recursos de chamada de vídeo, as transmissões ao vivo do Facebook e os canais de surdos no Youtube. Por isso, mostrou-se importante que as definições no *Palavreando* pudessem ser construídas também em Libras, a fim de possibilitar que a produção de sentidos transite pelas duas línguas. Para tanto, a aba vídeos permite explicações em língua de sinais e também qualquer outra estratégia visual que o surdo considere relevante para explicar o significado de uma palavra. Para a palavra “político” foram gravados três vídeos aqui transcritos:

figura 4. Prototipagem das telas na aba "Vídeo": palavra "político"



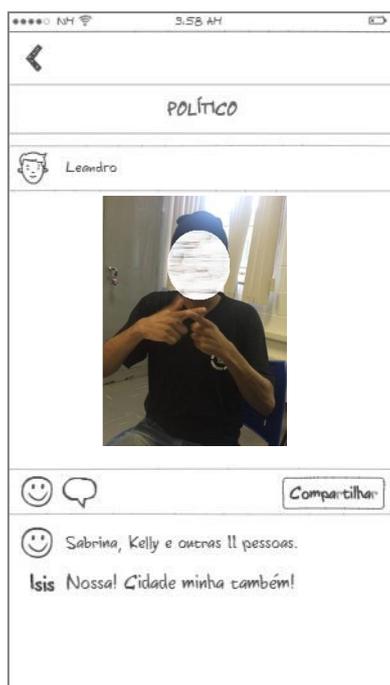
Tradução:

“Políticos são homens ou mulheres, tanto faz, que participam de grupos, palestras, discussões. Pessoas que são vereadoras, prefeitas, deputadas, várias coisas, secretários. Eles vão no Congresso Nacional, na Câmara Municipal discutem leis, propostas e projetos para melhorar ou as vezes piorar a vida.”



Tradução:

“No horário político, as pessoas falam, falam, falam. Discutem muito e eu tenho que ficar esperando para assistir à novela.”



Tradução:

“Na minha cidade, o prefeito foi visitar a casa das pessoas, ele chegou e falou com as pessoas. Prometeu melhorar a vida, mas ele não quer trabalhar, quer dinheiro.

Fonte: Produzido pela pesquisadora

Os quatro alunos que produziram os conteúdos expostos acima usaram diferentes estratégias para compor o significado da palavra “político”. A primeira definição trata-se de uma descrição do que é um político e do que ele faz. A segunda diz respeito a uma opinião pessoal sobre uma atividade específica dos políticos: as propagandas eleitorais televisivas. A terceira não traz uma definição para a palavra “político”, mas a insere dentro de uma frase que representa um sentido que circula no meio social em que a aluna está inserida.

Todas as definições, portanto, fazem emergir um contexto imediato de intercâmbio social. Nele estão presentes os lugares e papéis sociais, a posição de cada sujeito envolvido em relação aos outros, à sociedade e às formas legítimas de interação social entre os sujeitos envolvidos.

d) Definição escrita

Em se tratando de um app cuja finalidade é a aprendizagem de palavras em Português-Libras e, conseqüentemente, a produção de sentidos a partir do repertório linguístico do usuário, é coerente que o *Palavreando* inclua a linguagem verbal, em sua modalidade escrita, como um dos campos de construção de significados. Além da importância da aprendizagem dessa modalidade ser reforçada pela Lei 10.436 que salienta a impossibilidade da Libras substituir a Língua Portuguesa escrita, nossa sociedade ainda se configura como uma sociedade grafocêntrica que insiste em “normalizar” o surdo, se não pela fala, como era no oralismo, pela escrita (CAVALCANTI & SILVA, 2007) e pela norma padrão.

Nesse contexto, é importante conceber a aprendizagem escrita de forma mais participativa, colaborativa e distributiva, caminhando no sentido contrário daquilo que se define, comumente, como práticas letradas convencionais, vistas como mais centradas na noção de autoria e com regras e normas fixas. Assim, a possibilidade de construir sentidos a partir de definições escritas no *Palavreando* contribui para o processo de inclusão dessa comunidade e se configura também como um espaço de resistência política.

Portanto, para essa modalidade, os alunos produziram os seguintes textos escritos⁸:

- I:** O político é alguém que ocupa de assuntos públicos. Exemplo: as pessoas culpando a Dilma que roubou dinheiro.
- I.:** A política é que reunir os políticos para apresentar cada projetos, discutir para criar declaração ou lei. Ex: A ação dos políticos aprovado pela lei de direitos humanos.
- L.:** Político é muitos que passar na televisão que tem presidente e que falam muito e que tem microfone, no quadrado da mulher interpretação. O brasileiros são envolvidos e roubo muito.
- G.:** Político explicar o muito importante nova lei e regras. Também Brasília, prefeitura e qualquer cidade. Problema é dinheiro e trabalhar melhor, mas não adianta.
- J.:** Os políticos são homens e mulheres de ministro, prefeito, secretário, presidente e entre outros, na camara dos deputados na Brasília e nas cidades também se reúnem com o prefeito, secretários e outros numa camara municipal para discutir sobre os projetos, leis e outras propostas.
- L.:** Político muito falou homeino. Começou o brasil todos o que falam teloração a falam muito. Problema mas dinheiro o pouco queiram pessoas de trabalho.
- I.:** Muitos políticos brasileiros estão envolvidos em fazer roubos.

É possível observar que, assim como na aba vídeos, diferentes estratégias aparecem na modalidade escrita. Alguns deles descrevem as atividades exercidas pelos políticos, outros explicitam juízos de valor e opiniões sobre o assunto, outros definem exemplificando e outros expõem a palavra através de seu uso em uma frase. Para Bakhtin/Volóchinov (2017 [1929], p, 180), a palavra é compreendida “no sentido do conjunto de diferentes contextos possíveis em que essa forma linguística pode ser usada”.

Nessa perspectiva, a palavra não poderia ser abordada no app fora de seus contextos de uso e decorada de acordo com a sua significação em Português. Caso isso acontecesse, ela se tornaria aquilo que Bakhtin/Volóchinov (2017 [1929]) compreendem como um sinal, ou seja, passaria a ser somente objetiva, fechada e estagnada. Dessa forma, para que as palavras em Português-Libras sejam interiorizadas pelos alunos surdos, elas precisam ser concebidas na estrutura de um enunciado concreto, como um signo mutável e flexível que não se encerra em uma palavra de dicionário.

⁸ As definições estão apresentados sem nenhuma correção gramatical.

Considerações finais

Sabemos que os surdos, ao adentrarem o contexto escolar ou acadêmico, irão se confrontar com a palavra escrita. Aprender o português escrito, portanto, revela-se um conhecimento importante, na medida em que permite ao surdo ter acesso a letamentos considerados relevantes socialmente, ampliando as formas de participação social desse grupo. Assim, delinear um app que, potencialmente, auxilie esse processo não significou apenas aderir às facilidades trazidas pelas tecnologias digitais e móveis, mas explorar o potencial colaborativo, hipermidiático, interativo e, portanto, transformador que esses dispositivos podem apresentar para os processos de aprendizagem dessa comunidade.

Partindo da perspectiva de língua/linguagem como um processo multimodalizado e discursivo de construção de sentidos, o resultado do estudo desenvolvido foi a construção de um conjunto de princípios e recursos que configuram o *Palavreando*, um app cujo objetivo central é se mostrar um recurso favorável à aprendizagem de palavras pela comunidade surda.

É importante salientar que a natureza discursiva, multimodal, colaborativa e interativa da proposta aqui apresentada só foi definida a partir de um longo processo de investigação, conduzido junto aos participantes e, assim, de natureza não linear. Um app móvel tende a ser visto como um objeto fechado e acabado, no entanto, em se tratando do âmbito educacional, o *Palavreando*, bem como outros apps que sirvam a esse propósito, deve ser visto como um recurso em constante (re)construção.

Essa proposta materializa apenas algumas das muitas questões, ideias e convicções que surgiram durante a minha travessia em busca de estratégias mais sensíveis às necessidades educacionais dos surdos. Assim, o *Palavreando* ganhará (mais) vida na continuação desse trajeto, ou seja, quando os meus alunos e a comunidade surda estiverem com seus *smartphones* nas mãos, (re)construindo colaborativamente suas definições para as palavras em Português e, conseqüentemente, enunciando suas visões de mundo. Por isso, o app continua a ser objeto de estudo de minha pesquisa doutoral em andamento. Ao embasar-se em epistemologias mais plurais e menos centralizadora, parte-se do pressuposto de que ele poderá possibilitar a emergência de espaços translíngues em meio a experiências multimodais (JEWITT; BEZEMER; O'HALLORAN, 2016) e colaborativas de (re/des)construção de sentidos e, portanto, de aprendizagem (BEZEMER; KRESS, 2016).

Se por um lado o convívio diário com surdos me fez perceber nossa vulnerabilidade diante das limitações biológicas e, especialmente, daquelas impostas pelos processos sociais e culturais, por outro, o desenvolvimento desta pesquisa me apresenta a possibilidade de revisitar minhas verdades e me oferece uma concepção completamente inesperada da linguagem, fazendo-me perceber a força que temos para resistir e encontrar maneiras outras de estar e de construir sentidos no mundo.

Referências

- ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da Prática Escola*. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- BAKHTIN, M. M. *A Teoria do Romance I – A estilística*. São Paulo: Editora 34, 2017 [1934-1935].
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].
- BAKHTIN, M. M./Voloichinov, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].
- BEZEMER, J.; KRESS, G. *Multimodality, learning and communication: a social semiotic frame*. London: Routledge, 2016.
- BUNZEN, C. *Construção de um objeto de investigação complexo: o livro didático de língua portuguesa*. *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 557-562, 2005. [557 / 562].
- CAVALCANTI, M. C. *Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola (2006): 233-51.
- CAVALCANTI, M. C. e SILVA, I. (2007). ““Já que ele não fala, podia ao menos escrever...””: O grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo.” In: CAVALCANTI, M. C. e KLEIMAN, A. B. (Org.). *Linguística Aplicada: Suas Faces e Interfaces*, Mercado das Letras, São Paulo.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991. - (Biblioteca básica).
- GEE, J. P; HAYES, E. R. *Language and learning in the digital age*. Routledge, 2011.
- GNL. *A pedagogy of multiliteracies – Designing social futures*. In: COPE, B; KALANTZIS, M. (Eds.) *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London/NY: Routledge, 2006[2000/1996].
- HUMBOLDT, W. *On Language: The Diversity of Human Language-Structure and its Influence on the Mental Development of Mankind*. Tradução ed Peter Heath. Cambridge: Cambridge University Press, 1988 [1836].
- JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O’HALLORAN, K. *Introducing Multimodality*. London and New York: Routledge, 2016, Paperback 219 p. ISBN: 978-04-15-63926-2.
- KEATING, A. *Teaching transformation: transcultural classroom dialogues*. New York: Palgrave MacMillan, 2007.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. *Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. *Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences*. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *Handbook of Qualitative Research*. 2nd ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2000. p. 163-188.
- MOITA LOPES, L. P. *Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado*. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOURA, M. C. de. *O surdo O surdo O surdo O surdo O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- PENNYCOOK, A. *Uma linguística aplicada transgressiva*. IN: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.67-84.
- _____. *Posthumanist Applied Linguistics*. New York: Routledge, 2017.
- RÉE, J. *I see a voice I see a voice I see a voice I see a voice I see a voice: deafness, language and the senses: a philosophical history*. New York: Metropolitan Books, 1999.
- ROCHA, C. H. *Línguas estrangeiras na infância, formação cidadã e letramento crítico*. In: STURM, L; TOLDO, C. (Org.). *Desafios contemporâneos do ensino: língua materna e língua estrangeira*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Editora Record, 2000.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. C. Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

STELLA, P. R. Palavra. In: Bakhtin: conceitos-chave. Beth Brait (Org.). São Paulo: Contexto, 2005.

SKLIAR, C. La educación de los sordos La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica. Mendoza: EDIUNC, 1997.